



O trabalho dos idosos: hoje e amanhã

Em relação aos países avançados, o trabalho dos idosos no Brasil ainda é pequeno

José Pastore e Fabio Pina*, O Estado de S.Paulo

Com grande senso de oportunidade a Fecomércio-SP e o Instituto de Longevidade Mongeral-Aegon, realizarão amanhã um seminário gratuito para melhorar a compreensão sobre o trabalho dos idosos no Brasil.

Quando se cogita desse tema, surgem logo as perguntas clássicas: os idosos vão tirar o emprego dos jovens? Como garantir empregos para idosos que têm uma educação limitada? O que eles vão fazer?

O fato é que 55% dos brasileiros aposentados com mais de 60 anos continuam trabalhando: um terço está na agricultura; 14% no comércio; 10% na indústria de transformação; 8% na construção civil; 7% nos serviços domésticos; 7% em educação, saúde e serviços sociais; 5% em transporte, armazenamento e comunicações; 4,5% em alojamento e alimentação; 4,5% na administração pública (Secretaria da Previdência Social, 2017).

É muito ou pouco? Nem uma coisa, nem outra. É o inevitável. Isso porque o número de jovens vem encolhendo enquanto o de idosos vem aumentando em velocidade estratosférica.

Dentro de três décadas, haverá mais brasileiros idosos do que jovens. Com a expectativa de vida em torno de 75 anos, a “meia-idade” passou para 60 anos. Hoje são prioritários nos aeroportos os que têm mais de 80 anos!

Muitos brasileiros chegarão aos 90 anos e até mais. Não haverá sistema previdenciário capaz de sustentar aposentadorias decentes por tanto tempo.

Por isso, os idosos terão de trabalhar por mais tempo.

INFORME

Essa guinada começou. Considerando apenas o emprego formal, a Rais (Relação Anual de Informações Sociais) indica que os empregados em geral cresceram em média 31% entre 2006-16, enquanto os empregados de 50-64 anos cresceram 82%.

Entre os que têm mais de 64 anos, o crescimento foi de 131%!

Em 2006, os empregados de 50-65 anos eram 12% do total do emprego formal; em 2016, passaram para 16%. Para os que tinham mais de 64 anos, a proporção passou de 0,75% para 1,3% do total.

Em relação aos países avançados, o trabalho dos idosos no Brasil ainda é pequeno. Entre os brasileiros de 50-65 anos existentes em 2016, 24% estavam trabalhando; entre os que tinham 65 anos e mais, a proporção era de apenas 3,5%.

Na Áustria, por exemplo, as proporções de idosos de 55-59 e 60-64 anos que trabalham são 67% e 27%, respectivamente; no Canadá, 71% e 51%; na Dinamarca, 81% e 55%; na França, 71% e 28%; na Alemanha, 79% e 56%; nos Estados Unidos, 69% e 54%; no Japão, 80% e 64% (John P. Martin, *Live Longer, Work Longer*, Bonn: Institute of Labor Economics, 2018).

Mas o que os brasileiros idosos podem fazer? É irrealista esperar deles um trabalho que envolve a força física. É igualmente irrealista esperar que realizem atividades que demandem uma educação que eles não têm. E daí?

É isso que tem levado muitos países a investir na flexibilização das leis trabalhista e na capacitação dos idosos para o mundo digital. Para ajudar na capacitação, muitas empresas passaram a simplificar os tablets, aplicativos e programas da internet de modo a facilitar a aprendizagem.

Os resultados têm sido animadores (*The Economist, The latest technology is even more beneficial for the old than for the young, The new old*, 8/7/2017).

O Brasil tem pela frente inúmeros desafios para equacionar o problema de uma Previdência Social deficitária com o explosivo crescimento da população idosa.

Passos importantes foram dados com as novas formas flexíveis de contratação trabalhista. Faltam agora o retreinamento e a capacitação para o trabalho.

***JOSÉ PASTORE É PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, PRESIDENTE DO CONSELHO DE EMPREGO E RELAÇÕES DO TRABALHO DA FECOMÉRCIO-SP E MEMBRO DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS; FABIO PINA É CONSULTOR ECONÔMICO DA FECOMÉRCIO-SP**

INFORME

Desemprego recua para 11,7% no trimestre até outubro, mas atinge 12,3 mi de brasileiros

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), renda média real do trabalhador foi a R\$ 2.230, alta de 0,4% em relação ao mesmo período de 2017

Daniela Amorim, O Estado de S.Paulo

A taxa de desocupação no Brasil ficou em 11,7% no trimestre encerrado em outubro, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) divulgados nesta quinta-feira, 29, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A pesquisa registrou um recuo de 389 mil pessoas sem emprego no período de um ano, mas que a desocupação ainda atinge 12,351 milhões de brasileiros.

No cálculo de pessoas subutilizadas, que contém a taxa de desocupação, a taxa de subocupação por insuficiência de horas e a taxa da força de trabalho potencial - pessoas que não estão em busca de emprego, mas que estariam disponíveis para trabalhar - a Pnad mostrou que faltou trabalho para 27,250 milhões de pessoas no País no trimestre encerrado em outubro deste ano.

De acordo com o levantamento, o País ganhou 1,240 milhão de novos postos de trabalho em apenas um trimestre, enquanto 517 mil pessoas deixaram o contingente de desempregados. O trabalho por conta própria ganhou adesão de 655 mil pessoas em um ano.

Em igual período de 2017, a taxa de desemprego medida pela Pnad Contínua estava em 12,20%. No trimestre encerrado em setembro, a taxa era de 11,90%.

A renda média real do trabalhador foi de R\$ 2.230 no trimestre terminado em outubro. O resultado representa alta de 0,4% em relação ao mesmo período do ano anterior. Já a massa de renda real habitual paga aos ocupados somou R\$ 201,964 bilhões no trimestre encerrado em outubro, alta de 1,9% ante igual período do ano anterior.

A criação de vagas no trimestre encerrado em outubro em comparação ao trimestre terminado em julho superou o total de pessoas que deixaram de procurar emprego no período, puxando a taxa de desemprego para baixo, mesmo sem a ajuda do aumento da população inativa. A taxa de desemprego passou de 12,3% no trimestre terminado em julho para 11,7% no trimestre encerrado em outubro. No mesmo período, 383 mil pessoas deixaram a inatividade, ou seja, optaram por voltar à força de trabalho. A população inativa totalizou 65,108 milhões de pessoas no trimestre encerrado em outubro.

INFORME

O resultado da Pnad veio igual à mediana das estimativas (11,7%), calculada a partir das expectativas dos analistas ouvidos pelo Projeções Broadcast, que estimavam uma taxa de desemprego entre 11,60% e 12,00%.

4,733 milhões de desalentados

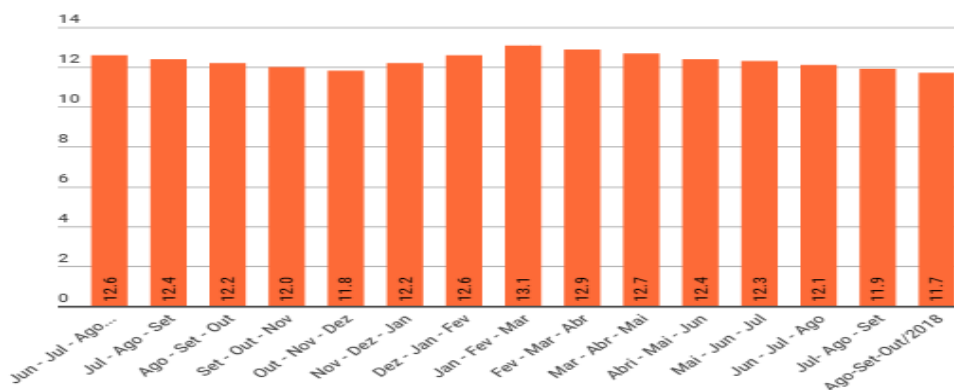
O Brasil tinha 4,733 milhões de pessoas em situação de desalento no trimestre encerrado em outubro de 2018, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) iniciada em 2012 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O resultado significa 85 mil desalentados a menos em relação ao trimestre encerrado em julho. Em um ano, porém, 455 mil pessoas a mais caíram no desalento.

A população desalentada é definida como aquela que estava fora da força de trabalho por uma das seguintes razões: não conseguia trabalho, ou não tinha experiência, ou era muito jovem ou idosa, ou não encontrou trabalho na localidade - e que, se tivesse conseguido trabalho, estaria disponível para assumir a vaga. Os desalentados fazem parte da força de trabalho potencial.

O percentual de pessoas desalentadas na força de trabalho potencial foi de 4,2% no trimestre encerrado em outubro, ante 4,3% no trimestre terminado em julho. No trimestre até outubro de 2017 o percentual de desalentados era menor, de 3,8%.

Desemprego



Fonte: Pnad/IBGE

(Fonte: Estado de SP – 29/11/2018)